



PLURALISMO RELIGIOSO¹

Religious Pluralism

João Rainer Buhr²

RESUMO

Um tema bastante atual na teologia é o pluralismo religioso. A proposta do artigo é refletir sobre os fatores que contribuíram para o surgimento deste pensamento. Analisando o pós-modernismo, entende-se melhor sua origem. Também são analisados os princípios básicos que o sustentam. Por último as ideias fundamentais do pluralismo religioso são confrontadas com a bíblia.

Palavras-chave: Pluralismo religioso. Pós-modernismo. Pluralismo religioso e bíblia.

ABSTRACT

A very current topic in theology is religious pluralism. The purpose of the article is to reflect on the factors that contributed to the emergence of this thought. A better understanding of its source is reached through the analysis of postmodernism. The basic principles that support it are also analyzed. Finally, the fundamental ideas of religious pluralism are confronted with the bible.

¹ Artigo recebido em dezembro de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de dezembro de 2017, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² João Reiner Buhr é Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e doutorando em Teologia pela PUC/PR. E-mail: joaorainer@gmail.com.

Keywords: Religious Pluralism. Postmodernism. Religious Pluralism and bible.

INTRODUÇÃO

Nosso mundo não é mais o mesmo. Muitas pessoas que hoje são idosas falam com saudade da época em que eram jovens. Comparando-se a nova geração com os idosos parece que ambos não são do mesmo planeta. A impressão que se tem é que vivem em mundos diferentes. As convicções não são as mesmas, os pensamentos diferem bastante e o agir é totalmente distinto. O mundo está bem diferente e o que assusta a geração mais antiga é que as modificações não param. As pessoas estão em constante mudança e a velocidade com que tudo acontece parece sem precedentes. Constatar esta alteração no comportamento da sociedade não é difícil nem demanda grandes esforços. O mesmo não vale quando se tenta descobrir as causas destas transformações. Por que estamos vivenciando tantas e tão rápidas mudanças no agir da sociedade?

Uma tentativa de entender melhor toda esta situação é pesquisar sobre a época em que vivemos, a Pós-modernidade. O pós-modernismo é uma tendência que segundo estudiosos, surgiu por volta da década de 30, mas ganhou força na década de 70 e veio para sacudir o pensamento vigente em várias áreas. No início influenciou a arquitetura. Na sequência chegou aos meios acadêmicos, influenciando principalmente os departamentos de Inglês e Arquitetura das universidades. Hoje sua influência é sentida em todos os setores da sociedade. Percebe-se que o mundo está mudado, as pessoas pensam de modo variado, não há como negar que vivemos sob impacto do pós-modernismo, que transformou vários conceitos em diversas áreas. Definir o pós-modernismo não é tarefa fácil. O prof. Jaziel Guerreiro Martins tem a seguinte definição sobre este período:

Nossa sociedade está em meio a um deslocamento cultural de proporções grandiosas. O edifício que abrigava o pensamento e a cultura na era moderna parece estar ruindo e parece que estamos entrando em uma nova época, a pós-modernidade. O pós-modernismo é, portanto uma TENDÊNCIA; é uma época emergente que tem a ver com uma atitude intelectual e com uma série de expressões culturais que colocam em cheque os ideais, os princípios e os valores que se acham no centro da estrutura mental moderna³.

³ MARTINS, Guerreiro Martins. O Espírito e a Cosmo visão da Pós-Modernidade. In: **Via Teológica**. Curitiba, vol. 6, 2002, p, 46.

Esta “nova” tendência que estamos vivendo traz consigo maneiras diferentes de se entender o mundo. Uma teoria que surgiu nesta época e com certeza influencia o modo de pensar da humanidade atualmente é a desconstrução. Esta teoria surgiu no campo literário e substituiu o chamado “estruturalismo”. Os estruturalistas defendiam que a literatura nos auxilia a compreender e organizar nossa experiência da realidade. Também defendia que todas as sociedades e culturas possuem uma estrutura comum e invariável⁴. Este pensamento era corrente e moldava a sociedade na época das pessoas que hoje são idosas. No entanto, os desconstrucionistas não pensam da mesma maneira: “O significado não é inerente ao texto em si, dizem eles, emerge apenas à medida que o intérprete dialoga com o texto. Uma vez que o significado de um texto depende da perspectiva de quem dialoga com ele, são muitos seus significados, como são muitos também os seus leitores (ou leituras)”⁵.

Uma profunda alteração surge quando esta teoria literária é aplicada a outras áreas. E é exatamente isso que os filósofos pós-modernos fizeram: “Assim como um texto terá uma leitura diferente conforme o leitor, dizem eles, da mesma maneira a realidade “será lida” diferentemente por todo ser dotado de conhecimento que com ela depara. Isto significa que o mundo não tem apenas um significado, ele não tem nenhum centro transcendente para a realidade como um todo”⁶. Com certeza este pensamento contribuiu muito para a grande alteração que se percebe atualmente. Hoje cada pessoa interpreta a realidade do seu jeito. Não existe mais um significado certo e conseqüentemente todos os outros estão errados. Atualmente tudo é relativo e indeterminável. Esta nova maneira de pensar realmente passa a impressão de que tudo está em constante mudança e não existe mais algo que seja válido.

1 A PLURALIZAÇÃO E RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE

Uma conseqüência muito importante do desconstrucionismo é a maneira de se entender a verdade. Em nossos dias, a verdade é pluralizada e relativizada.

⁴ GRENZ, J. Stanley. **Pós Modernismo**. Um guia para entender a filosofia de nosso tempo. 2 ed. São Paulo. Vida Nova, 2008, p. 18.

⁵ GRENZ, 2008, p. 18.

⁶ GRENZ, 2008, p. 18.

Augustus Nicodemus Lopes observa com grande precisão as consequências desta teoria:

Rejeita e busca desconstruir qualquer noção de verdade que se proponha unitária, absoluta, universal, ou mesmo coerente. O desconstrucionismo propõe, explicitamente, a pluralidade da verdade. Não há uma única verdadeira interpretação de um fato, de um texto ou discurso, mas muitas interpretações igualmente válidas. O conceito de verdade absoluta é visto como algo bastante nocivo, pois toda pretensão à verdade é considerada como arrogante, tirânica e obscurantista⁷.

A princípio este tipo de pensamento até pode parecer correto. Têm-se a impressão de ser democrático e politicamente correto. Todos podem expressar sua opinião e serão levados a sério. Ninguém e nenhuma ideia é desprezado. Em nossos dias muitas vezes escuta-se pessoas falando que “ninguém é dono da verdade”. Em outras palavras, se ninguém é dono da verdade, é muito provável que ela não existe, ou todas as “verdades” são válidas. Parece que é nesta última afirmação que as pessoas creem. Não existe mais uma verdade absoluta. Vivemos no tempo da “pluralidade da verdade”. Há filósofos que chegam ao ponto de sugerir o abandono da busca pela verdade, o importante é a interpretação. Atualmente a diferença é valorizada.

A única verdade aceita é aquela validada pela comunidade. Dependendo da comunidade, muda a verdade. Não há mais nada absoluto, tudo é relativo. Stanley J. Grenz tem a seguinte opinião sobre este assunto:

Segundo os pós-modernos, a verdade consiste nas regras básicas que facilitam o bem-estar pessoal na comunidade e o bem-estar da comunidade como um todo. Neste sentido, portanto, a verdade pós-moderna tem a ver com a comunidade de que participa o indivíduo. Uma vez que são muitas as comunidades humanas, necessariamente serão muitas também as diferentes verdades. Muitos pós-modernos chegam a crer que essa pluralidade de verdades pode existir umas lado a lado das outras. A consciência pós-moderna, portanto, implica um tipo radical de relativismo e pluralismo⁸.

Em nossos dias o relativismo e o pluralismo estão muito presentes na vida das pessoas. Esta maneira de agir tem criado alterações significativas em vários segmentos da sociedade. O comportamento, a religião e a fé da sociedade

⁷ LOPES, N. Augustus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 234.

⁸ GRENZ, 2008, p. 28.

com certeza estão sendo muito afetados por estes dois elementos. As verdades que antes eram inquestionáveis, hoje não são mais consideradas verdadeiras. Por exemplo, a existência de um Deus criador de todo universo já não é mais aceito por todos os seres humanos. Crer na Bíblia e que este Deus deixou somente um caminho para a salvação, que é Jesus, também é muito difícil. As crenças fundamentais do cristianismo têm sido alvo de constantes questionamentos em nossos dias. Além de questionar o cristianismo, novas crenças têm surgido. Todas são válidas, porque toda verdade é importante e não pode ser desprezada. Novamente vale o dito popular: “ninguém é dono da verdade”, muito menos os cristãos ou a Bíblia. Religiões diferentes têm sido apresentadas e aceitas entre a sociedade.

Não há dúvidas de que pluralização da verdade contribuiu para fortalecer o pluralismo religioso. Crenças muito diferentes convivem lado a lado com o cristianismo e muitas vezes os indivíduos não tem nenhuma dificuldade em confessar doutrinas básicas ensinadas na Bíblia e ideias de outras religiões. Parece que o pluralismo religioso fortaleceu-se muito através da relativização e pluralização da verdade ocorrida na pós-modernidade. Ed. L. Miller e Stanley J. Grenz confirmam a existência de uma nova compreensão religiosa: “Um dos problemas mais críticos na virada do milênio – e que só vai piorar - é a questão do pluralismo religioso”⁹.

2 A “VELOCIDADE” DO MUNDO

Com certeza o pluralismo religioso já existe há muito tempo, e muitas são as suas causas. No entanto, a relativização e a pluralização da verdade no pós-modernismo com certeza contribuíram decisivamente para seu crescimento. Todavia, seria incorreto e muito simplista entender que esta é a única causa do fortalecimento do pluralismo religioso. Percebe-se nos últimos anos um avanço muito significativo na comunicação e nos meios de transporte. O desenvolvimento nestas áreas aumentou muito a velocidade do conhecimento e das informações no planeta. Atualmente as novidades são levadas muito rapidamente a todos os

⁹ GRENZ, J. Stanley e MILLER, L. Ed. **Teologias Contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 202.

lugares do mundo. Com certeza a internet, as televisões, o transporte aéreo, entre outros, contribuíram muito para isso. Parece que a terra diminuiu de tamanho, pois novas descobertas são rapidamente espalhadas a todos os lugares.

Frequentemente chegam a nós informações sobre outras culturas e religiões. Hoje, temos um vasto conhecimento sobre diferentes crenças religiosas. E com certeza com uma oferta maior, haverá mais adeptos nas diferentes religiões. Quanto mais opções de escolha as pessoas tiverem, mais variadas serão suas opções religiosas. Isso acontece em qualquer área. Um exemplo é o setor automobilístico no Brasil. Há algum tempo atrás, quatro grandes multinacionais dominavam o mercado. Atualmente o setor foi invadido por muitas marcas diferentes. Sendo assim, as quatro maiores perderam espaço para todas as outras. Por menor e mais desconhecida que seja a marca, sempre haverá alguém que tem curiosidade de experimentar algo novo. Algo parecido acontece no campo das religiões. As tradicionais, como judaísmo, cristianismo e islamismo, hoje dividem espaço com muitas outras. E todas elas conseguem adeptos, as maiores acabam perdendo seguidores para as novas e diferentes.

Muitas pessoas também não aceitam o fato de que as religiões tradicionais, principalmente o cristianismo, reivindicam exclusividade no acesso a Deus. Os seguidores de Cristo sempre propagaram que somente eles conhecem a verdadeira revelação de Deus e que fora a Bíblia não há nenhuma palavra oficial do único e verdadeiro Deus. A afirmação de que Jesus é o único caminho para a salvação da humanidade muitas vezes é interpretada como intolerante. Esta postura de exclusividade frequentemente entra em choque com pessoas que defendem uma postura mais tolerante e politicamente correta. Estes rejeitam o cristianismo e as outras religiões tradicionais e se voltam às novas religiões.

Resumindo, percebe-se que a pluralização e relativização da verdade com o advento do pós-modernismo, a velocidade com que atualmente circulam as informações sobre novas culturas e religiões e a postura inflexível das grandes religiões tradicionais, principalmente o cristianismo, criaram um contexto favorável para o crescimento do pluralismo religioso. Os adeptos desta filosofia são mais tolerantes e receptivos com as diferentes correntes religiosas. Não são

exclusivistas, mas valorizam todas as religiões.

3 O PLURALISMO RELIGIOSO DE JOHN HICK

John Hick, um teólogo inglês, não foi o criador do pluralismo religioso, porém, contribuiu muito para a estruturação deste pensamento. Para entendermos melhor as ideias defendidas pelo pensador inglês, também conhecidas por Teologia Global, torna-se necessário verificar os fundamentos que sustentam seu pensamento.

3.1 Contexto familiar e cultural

Hick entende que o contexto familiar e cultural são determinantes para definir qual religião a pessoa abraçará. Todo ser humano é profundamente influenciado pelo meio em qual vive e fatalmente seguirá a religião que lhe será proposta pela sua família e pela cultura do lugar onde vive. Assim, é óbvio que as pessoas seguirão o que lhes for ensinado. Não há outras opções, pois elas nem saberão da existência de outras opções religiosas. Ed. L. Miller e Stanley J. Grenz auxiliam na compreensão deste argumento:

... é evidente que quase todos nós experimentamos da forma como experimentamos, e cremos do jeito que cremos, a partir de nossos contextos de nascimento. Pense como seria sua vida se você tivesse nascido em um lugar ou tempo diferente. Imagine, por exemplo, que você nasceu em 1500 numa cultura totalmente diferente. Nenhum de nós escolheu as circunstâncias que forjaram e moldaram nossas crenças e práticas fundamentais – incluindo-se aí crenças e práticas religiosas¹⁰.

Fica claro para Hick que aquilo que conhecemos torna-se nossa tradição religiosa. O ser humano acredita que aquilo que crê está sempre certo e geralmente não aceita nenhum pensamento diferente daquele que lhe foi ensinado pelos pais. Pensando desta maneira é que surgiram as religiões exclusivistas, principalmente o cristianismo. No entanto, para o pluralismo religioso, esta ideia é incompatível com o amor de Deus, que nunca seria capaz de privilegiar somente um grupo

¹⁰ GRENZ e MILLER, 2011, p. 204, 205.

limitado de seres humanos em detrimento de todos os outros.

3.2 Núcleo comum

O pluralismo religioso defende a ideia de que as grandes religiões universais possuem um núcleo comum ou universal. São doutrinas e crenças iguais, porém com nomes diferentes. Entendem que estas religiões têm como objetivo comum o amor ao próximo. Muitas vezes é necessário ler a bíblia contextualizada à atual cultura para enquadrar seus ensinamentos ao pluralismo religioso.

3.3 A era axial

John Hick identifica um período da história em que houve um grande crescimento da consciência religiosa da humanidade. Esta época vai de 800 a 200 a. C e durante este tempo, segundo o teólogo inglês, é que surgiram as principais religiões mundiais. Entre elas: confucionismo, taoísmo, budismo, hinduísmo, zoroastrismo, judaísmo, cristianismo e islamismo.

3.4 Desprezo a religiões bizarras

Nem todas as religiões são aceitas pelo pluralismo religioso. Há muitas práticas bizarras que são rejeitadas. Somente as grandes religiões mundiais, as que são sérias e contribuíram para a formação do pensamento religioso dos países é que são levadas em conta.

4 Pluralismo religioso e Jesus

Para manter-se tolerante e receptível a várias religiões, como propõe o pluralismo religioso, é necessário fazer concessões em crenças fundamentais do cristianismo. John Hick, um teólogo fundamentalista no início de sua caminhada teológica, transformou-se em um pensador muito liberal. Uma doutrina essencial do cristianismo rejeitada por Hick é com relação a Jesus. Para ele, Jesus não é o filho de Deus, único e preexistente, que vem ao mundo para trazer salvação a todos os que creem nele através da sua morte e ressurreição. Hick diferencia

o Jesus histórico do tradicional. Para ele, Jesus não é o que o Novo Testamento apresenta, que melhora, embeleza e cria um personagem que na realidade não existe, não é real. Entende que não há muitos indícios sobre a divindade de Jesus.

Quando o cristianismo prega que Jesus é divino, incomoda as outras religiões e só evidencia ainda mais seu exclusivismo. No mundo relativista e pluralista em que vivemos este tipo de crença não é bem vinda, porque não é politicamente correto. Afasta ao invés de unir religiões em torno de crenças comuns. Quando o cristianismo afirma que somente Jesus é Deus, conseqüentemente se coloca acima das outras religiões, em uma atitude arrogante. Para o teólogo inglês, Jesus nunca reivindicou o título de divino. O Cristo como Deus é um mito, uma história contada que não é literalmente verdadeira. Segundo Hick, citado por Grenz e Miller, Jesus era humano, que tinha um relacionamento perfeito com Deus:

Vejo o Nazareno [...] consciente da realidade divina de um modo muito intenso e irresistível. Ele foi um homem de Deus, que vivia na presença invisível de Deus, e que se dirigia a Deus como Abba, pai. Seu espírito estava aberto a Deus e sua vida foi uma resposta contínua ao amor divino, totalmente gracioso e exigente. Ele era de tal modo consciente da presença de Deus que sua vida vibrava, por assim dizer, no mesmo diapasão da vida divina. Por causa disso, suas mãos curavam os doentes, e os “pobres de espírito” eram despertados para uma nova vida em sua presença¹¹.

5 Pluralismo religioso e salvação

Outro ponto essencial no cristianismo que sofreu mudanças para se acomodar ao pensamento pluralista é o conceito de salvação. Para Hick e sua teologia global, a salvação é alcançada através do esforço do ser humano, que luta para alcançar a santidade. Somente assim é que o homem pode chegar a Deus. A pessoa só é salva quando abre mão da vontade própria e isso requer muita disciplina e tempo. Jesus é somente um modelo de como conseguir a salvação, assim como Buda e outros personagens. A salvação não tem relação com o pecado, culpa, graça e perdão. Outro ponto importante é que Hick entende que todos os seres humanos serão salvos através de processos de purificações.

¹¹ Apud GRENZ e MILLER, 2011, p. 213.

5.1 “Cristãos anônimos”

Este conceito é mais uma tentativa de acomodação do cristianismo ao pluralismo religioso. Foi proposto por um teólogo católico chamado Karl Rahner. Cristãos anônimos são pessoas religiosas, cristãs, que não tem consciência disso. É uma tentativa de denominar cristãos pessoas que não seguem Cristo conscientemente. Para Rahner o cristianismo é a religião absoluta, insubstituível. No entanto, antes que o evangelho chegue a um determinado lugar, as pessoas que lá vivem podem viver seguindo princípios cristãos, sem conhecer os ensinamentos de Cristo. A igreja não deve ignorar estas pessoas, elas fazem parte do corpo, mesmo não sendo visíveis. As palavras do próprio Rahner, citado por Grenz e Miller nos ajudam a compreender sua posição:

Por um lado, talvez seja demais esperar que o pluralismo religioso com que o cristão se depara em uma situação concreta venha a desaparecer num futuro próximo. Por outro lado, é, todavia plenamente lícito que o cristão interprete esse não cristianismo como um cristianismo de espécie anônima que ele continua a encontrar enquanto missionário e o entenda como um mundo a ser trazido à consciência explícita daquilo que já lhe pertence como oferta divina ou já lhe pertence, além disso, como dom gracioso aceito sem reflexão de modo implícito¹².

6 Pluralismo religioso e a Bíblia

A proposta neste momento é comparar alguns conceitos que são defendidos pelos teólogos que apoiam o pluralismo religioso com a Bíblia. Para estes estudiosos este já seria um grande problema, pois eles não creem que a Bíblia é o único e infalível livro inspirado por Deus. No entanto, analisar os princípios desta filosofia a partir da Bíblia não nos parece um problema, mesmo que os teólogos pluralistas não a interpretem como os cristãos. As ideias dos simpatizantes do pluralismo também são baseadas em livros, estes sim, totalmente humanos e de procedência muito menos transparente do que as Sagradas Escrituras. Quando se observa a origem e o processo de formação da Bíblia percebe-se que ele é muito mais confiável do que qualquer outra literatura jamais produzida. É o livro mais editado e lido em todos os tempos. Sua mensagem funciona, transformando

¹² Apud GRENZ e MILLER, 2011, p. 220.

vidas. Cada cristão é uma prova disso. A igreja de Jesus continua viva e firme até hoje, mesmo que já tenham se passado aproximadamente dois mil anos da partida de Jesus. Muitos já previram que o cristianismo se acabaria e ele está aí, crescendo mesmo em lugares onde é muito perseguido. Por todos estes motivos, entendemos que a Bíblia tem muito mais credibilidade do que qualquer outro livro, e a utilizaremos para verificar a veracidade dos princípios do pluralismo religioso mencionados neste artigo.

A própria Bíblia confirma que é um livro diferente, produzido por Deus. Isso fica claro na passagem de 2 Timóteo 3.16: “Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver”¹³. Wayne Grudem fala o seguinte sobre este versículo:

Aqui Paulo afirma que todos os escritos do Antigo Testamento são *theopneustos*, “inspirados por Deus”. Como se diz que os *escritos* é que são “inspirados”, essa inspiração deve ser entendida como uma metáfora de palavras faladas das Escrituras. Esse versículo, portanto, afirma de maneira breve o que era evidente em muitas passagens no Antigo Testamento: os escritos do Antigo Testamento são considerados palavras de Deus em forma escrita. Foi Deus quem falou (e ainda fala) cada palavra do Antigo Testamento, embora tenha usado agentes humanos para essas palavras.¹⁴

Utilizaremos a Bíblia porque cremos que ela realmente é a palavra de Deus. Preferimos ter fé nela ao invés de confiar em livros que são comprovadamente humanos e não tem a mesma credibilidade e eficiência que a palavra de Deus.

6.1 Contexto familiar e cultural

Uma das ideias defendidas pelos teólogos que concordam com o pluralismo religioso é que os contextos familiar e cultural são essenciais para direcionar a religião que cada ser humano seguirá. É possível concordar que realmente família e cultura podem ter um papel decisivo com relação à religião das pessoas. No entanto, não são as únicas variáveis que direcionam as escolhas dos seres humanos. A Bíblia mostra que Deus se revela a todos os homens,

¹³ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Tradução: Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

¹⁴ GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. Atual e Exaustiva. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 45.

independente do contexto familiar ou cultural. Em Romanos 2.14 e 15 lemos: “Os não judeus não têm a lei. Mas, quando fazem pela sua própria vontade o que a lei manda, eles são a sua própria lei, embora não tenham a lei. Eles mostram, pela sua maneira de agir, que *têm a lei escrita no seu coração*. A própria consciência deles mostra que isso é verdade, e os seus pensamentos, que às vezes os acusam e às vezes os defendem também mostram isso”¹⁵.

Este versículo deixa claro que mesmo as pessoas que não conhecem nem se relacionam com Deus são alcançados pela revelação geral de Deus. Isso independe de seu contexto familiar ou cultural. Mesmo uma pessoa que vive em uma cultura estranha ao evangelho tem chances de conhecer o único e verdadeiro Deus. Novamente Wayne Grudem nos ajuda a compreender esta verdade:

O conhecimento da existência, do caráter e da lei moral de Deus, que vem por meio da criação a toda a humanidade, é muitas vezes chamado “revelação geral” (pois vem a *todas as pessoas genericamente*). A revelação geral vem pela observação da natureza, pela percepção da influência diretiva de Deus na história e pelo senso íntimo de existência de Deus e suas leis, que ele inculca em *cada pessoa*.¹⁶

Cada pessoa carrega dentro de si a revelação de Deus. Isso não garante que ela decidirá seguir a Jesus, porém ao perceber sua consciência, olhar para a natureza e toda a criação de Deus, tem condições de encontrar o verdadeiro Senhor. Exemplos na Bíblia de pessoas que viviam um contexto complicado e apesar disso encontraram Deus não faltam. Abraão é um ótimo exemplo. Antes de ter um encontro com Deus vivia em um contexto bem diferente. Nasceu em Ur, dos caldeus, onde morava com o pai Terá e seus irmãos Naor e Harã. A cidade onde viviam era um centro de adoração da deusa Lua¹⁷. O nome de seu pai, Terá também era ligado ao deus-lua adorado na cidade¹⁸. Apesar de todo o contexto familiar e cultural desfavorável, Abraão deixa sua família e segue a Deus.

A Bíblia também deixa claro que Jesus somente voltará após o anúncio do evangelho a todos os seres humanos. Mateus 24.14: “E a boa notícia sobre o

¹⁵ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

¹⁶ GRUDEM, 2011, p. 83.

¹⁷ BRIGHT, J. **História de Israel**. 5. ed. São Paulo: Editora Paulus, 1980, p. 112.

¹⁸ DOUGLAS, D. J. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995, p. 1582.

Reino será anunciada no mundo inteiro como testemunho para *toda a humanidade*. Então virá o fim”¹⁹. Se baseamos nossa fé na Bíblia jamais podemos apoiar o princípio de que a pessoa sempre seguirá o que absorve do contexto familiar e cultural em que está inserido. As Sagradas Escrituras afirmam claramente que Deus se revela a todos os homens. Mostra exemplo de pessoas que rejeitaram a religião herdada pelos pais em prol do único e verdadeiro Senhor. Também deixa evidente que todos os homens receberão a boa notícia sobre a salvação através de Jesus.

6.2 O cristianismo é exclusivista

Um ponto enfatizado pelos teólogos pluralistas é que o cristianismo é exclusivista e, portanto, não simpático a muitas pessoas. Esta posição está baseada principalmente em afirmações da Bíblia que apontam Jesus como único caminho para a salvação. O próprio Jesus fala em João 14.6: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém pode chegar até o Pai a não ser por mim”²⁰. A reação de Paul F. Knitter, teólogo pluralista ao se deparar com este tipo de afirmação na Bíblia é a que segue:

Por que, na realidade, os cristãos foram tão insistentes em manter a doutrina segundo a qual *extra ecclesia nulla est salus* (“fora da igreja não há salvação”), ou para proclamar que Cristo tem que ser a norma definitiva para todas as outras religiões? Certamente não se pode negar que no passado estas doutrinas e esta cristologia foram usadas para justificar a subordinação e exploração de outras culturas e religiões²¹.

Podemos até concordar que o cristianismo realmente é exclusivista, porque Jesus é de fato, o único meio apontado por Deus para que a humanidade alcance salvação. Todavia, é perfeitamente aceitável e natural, que Deus, o criador dos homens dite as regras do jogo. Ele em sua soberania tem todo o direito de estabelecer quais as normas de relacionamento entre ele e sua criação. Afinal de

¹⁹ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²⁰ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²¹ KNITTER F. Paul. **Para uma teologia da libertação das religiões**. Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Editora Rede, 2003, p. 19.

contas, ele deu vida a todos os seres humanos, que o rejeitaram, dando ouvidos à serpente e pecando, se rebelando contra Deus. Apesar disso, por amor, ele busca um caminho de reconciliação com suas criaturas, e o faz através de Jesus: “Porque Deus amou o mundo tanto, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha a vida eterna” (João 3.16)²².

Deus não é o vilão da história como apontam os teólogos pluralistas. Muito pelo contrário, este papel cabe aos homens que se rebelaram e pecaram contra seu amoroso e bondoso criador. No entanto, ele, num ato de supremo amor, entrega seu único filho, Jesus, para que todos os homens tenham um meio de alcançar a salvação. E mais: a vontade de Deus é que nenhum ser humano fique sem resgate: “O Senhor não demora a fazer o que prometeu, como alguns pensam. Pelo contrário, ele tem paciência com vocês porque não quer que ninguém seja destruído, mas deseja que todos se arrependam dos seus pecados” (2 Pedro 3.9)²³.

Analisando melhor alguns textos bíblicos, parece que a acusação dos pluralistas religiosos de que Deus é exclusivista não procede. Não é possível rotular Deus assim somente porque ele estabelece normas à sua criação. Neste sentido, todos somos exclusivistas, porque sempre é esperado que pessoas cumpram regras. O exclusivismo não é necessariamente ruim. Basta olhar para o governo, empresas e organizações, cada qual exige normas de conduta de seus cidadãos, colaboradores e sócios, e nem por isso esse exclusivismo é criticado e classificado como prejudicial. Muito pelo contrário, muitas vezes o exclusivismo é positivo, por exemplo, atualmente no Brasil, muitos aplaudem a iniciativa do governo em criar vagas de estacionamento exclusivas para idosos.

6.3 Jesus é Deus e Salvador

Ao contrário do que John Hick sustenta, Jesus é apresentado na Bíblia como Deus. Em João 1.1-4, ele é identificado como “a Palavra”: No começo aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e *era* Deus. Desde o princípio a Palavra estava com Deus. Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. A palavra de Deus era a fonte da vida, e essa vida

²² **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²³ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

trouxe a luz para todas as pessoas²⁴. No decorrer do texto fica claro que Jesus é a Palavra. Esta passagem não deixa dúvidas que Jesus não é um mito e nem resultado de exageros por parte de seus seguidores. Não é uma história criada por homens, a palavra de Deus confirma que ele é Deus. Jesus é único, preexistente, não criado, estava com Deus inclusive no momento da criação do mundo. Esta é uma verdade fundamental e inegociável apresentada a nós pelas Sagradas Escrituras. Wayne Grudem comenta sobre a divindade de Cristo:

Apesar de a palavra theos, “Deus”, ser em geral reservada no Novo Testamento para Deus Pai, há algumas passagens em que é também empregada em referência a Jesus Cristo. Em todos esses trechos, a palavra “Deus” é empregada com um sentido denso em referência àquele que é Criador do céu e da terra, o governante de tudo. Entre essas passagens encontram-se João 1.1, 1.18 (em manuscritos melhores e mais antigos); 20.28; Romanos 9.5, Tito 2.13, Hebreus 1.8 (citando Sl. 45.6) e 2 Pedro 1.1²⁵.

Jesus também é apresentado como o único e suficiente salvador dos seres humanos. Em Atos 4.12 lemos: “A salvação só pode ser conseguida por meio dele. Pois não há no mundo inteiro nenhum outro que Deus tenha dado aos seres humanos, por meio do qual possamos ser salvos”²⁶. Todos os que querem salvação precisam chegar a Deus através dele, não existe atalho. Novamente Wayne Grudem nos ajuda a compreender melhor:

Logicamente, a salvação por meio de Cristo é exclusiva porque Jesus é o único que morreu pelos nossos pecados, e o único que poderia ter feito isso. Paulo diz: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, qual a si mesmo se deu e resgate por todos...” (1 Tim. 2.5, 6). Não há outro meio de se reconciliar com Deus senão por Cristo, pois não há outra forma de expiar a culpa do nosso pecado diante de um Deus santo²⁷.

²⁴ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²⁵ GRUDEM, 2011, p. 448.

²⁶ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²⁷ GRUDEM, 2011, p. 78.

6.4 A salvação não é alcançada pelo esforço dos homens

Com o objetivo de aproximar o cristianismo de outras religiões, John Hick defende que a salvação da humanidade se alcança através do esforço próprio. Todo homem precisa lutar para alcançar a santidade e chegar até Deus. Este ensinamento vai totalmente contra o que é ensinado pela Bíblia sobre este tema. “Pois pela graça de Deus vocês são salvos por meio da fé. Isso não vem de vocês, mas é um presente dado por Deus. A salvação não é o resultado dos esforços de vocês; portanto, ninguém pode se orgulhar de tê-la”²⁸. Esta palavra, que encontramos em Efésios 2.8 e 9, não deixa nenhuma dúvida que nenhum cristão tem mérito algum por ser salvo. Deus faz tudo pela salvação da humanidade, cuja participação se resume e receber o presente oferecido pelo criador.

Por sinal, esta ideia é a grande diferença do cristianismo para todas as outras religiões. Em todas elas percebe-se o esforço de homens tentando chegar até Deus. O que a Bíblia deixa claro é Deus tomando a iniciativa para salvar a humanidade. Ele faz tudo, o homem só precisa aceitar o que é oferecido pelo Senhor. Por este motivo o ser humano não tem nenhum motivo para se vangloriar de sua própria redenção. Os aplausos são para Deus, o homem não faz trabalho nenhum.

6.5 A salvação torna-se visível

Será possível tornar-se um cristão anônimo, como proposto por Karl Rahner? Existem pessoas que vivem um cristianismo sem ter consciência disso? No Novo Testamento percebe-se que uma decisão por Cristo vinha acompanhada pelo batismo, que é um testemunho público da fé em Jesus Cristo. O batismo é um momento onde a pessoa expressa publicamente sua fé em Jesus. É o momento em que a regeneração, torna-se visível para as pessoas. Toda pessoa que crê em Jesus deve ter o desejo de se batizar. O batismo é uma ordem de Jesus: “Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, *batizando-os* esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”²⁹. Jesus mesmo

²⁸ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

²⁹ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

segiu o exemplo e foi batizado: “Naqueles dias, Jesus foi da Galileia até o rio Jordão a fim de ser batizado por João Batista”³⁰. A conclusão é que Jesus espera que seus seguidores sejam batizados, e conseqüentemente saiam do “anonimato”, portanto, a teoria dos “cristãos anônimos”, proposta pelos teólogos do pluralismo religioso, é incoerente com a palavra de Deus.

A Bíblia cita outras evidências visíveis de que a pessoa realmente é salva e comprometida com Jesus. Sinais externos sempre acompanham os cristãos. A palavra de Deus mostra que por frutos visíveis os cristãos serão reconhecidos. Em Gálatas 5.22 Paulo faz uma lista sobre o que vai ser visto nos seguidores de Cristo: “Mas o Espírito de Deus produz o amor, a alegria, a paz, a paciência, a delicadeza, a bondade, a fidelidade, a humildade e o domínio próprio”³¹. Wayne Grudem fala a respeito desta passagem: É claro que a questão não é: “será que exemplifico perfeitamente todas estas virtudes?”, mas sim “será que essas coisas caracterizam em geral a minha vida? Será que sinto no meu coração essas virtudes? Será que os outros (especialmente os mais próximos de mim) *veem* em mim essas virtudes? Venho por acaso me aperfeiçoando nelas ao longo dos anos?”³² Pela Bíblia parece claro que é impossível uma pessoa ser um “cristão anônimo”. A pessoa regenerada por Jesus com certeza vai emitir sinais visíveis e externos da transformação interior que houve em sua vida.

CONCLUSÃO

O teólogo Paul F. Knitter raciocina e finaliza com uma pergunta interessante: “Para evitar posturas absolutistas pré-estabelecidas que impedem o diálogo genuinamente pluralístico, os cristãos devem – assim parece – ou renovar ou inclusive rechaçar seu modo tradicional de entender Jesus Cristo como a voz final, definitiva e normativa de Deus. É possível fazer isso e continuar sendo chamados de cristãos”³³? Entendemos que para os cristãos não é possível rechaçar

³⁰ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

³¹ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

³² GRUDEM, 2011, p. 672.

³³ KNITTER, 2003, p. 31.

ou até mesmo renovar o entendimento de que Cristo é o centro de sua fé. Isso é inegociável, qualquer religião que propõe um caminho que não seja Jesus para a salvação não pode ser aceita pelos seguidores de Jesus. Como já vimos anteriormente, até mesmo Jesus Cristo fez questão de afirmar que ele é o único caminho.

Stanley J. Grenz possui um posicionamento que pode ser apoiado:

Resumindo, não podemos simplesmente permitir que o cristianismo seja relegado ao status de mais uma fé entre outras. O evangelho é, em sua essência, uma mensagem missionária em expansão. Creemos não somente que a narrativa bíblica faz sentido para *nós*, como é também mensagem de boas-novas para *todos*. Ela proporciona a satisfação dos desejos e das aspirações de todos os povos. Ele incorpora a verdade - a verdade de toda a humanidade e para toda a humanidade³⁴.

O plano de Deus é que as boas-novas sejam a mensagem de salvação para todos os povos, sem exclusão. Deus é inclusivo, oferece salvação a todos os seres humanos, sem exceção. Parece que os adeptos do pluralismo religioso são pessoas que não aceitam o projeto de Deus e buscam adaptar o caminho proposto por ele a seus próprios desejos. Sendo assim, quem está sendo exclusivista? Deus que incluiu todos os homens em seu projeto de salvação? Ou exclusivistas são as pessoas que não aceitam o caminho de Deus e procuram encontrar o seu próprio? O tema pluralismo religioso é atual e com certeza ainda será muito discutido por um bom tempo. Neste debate, há um alerta deixado por Paulo, que deveria ser considerado. Colossenses 2.8 -10:

Tenham cuidado para que ninguém os torne escravos por meio de argumentos sem valor, que vêm da sabedoria humana. Essas coisas vêm dos ensinamentos de criaturas humanas e dos espíritos que dominam o Universo e não de Cristo. Pois em Cristo, como ser humano, está presente toda a natureza de Deus, e, por estarem unidos com Cristo, vocês também têm essa natureza. Ele domina todos os poderes e autoridades espirituais³⁵.

³⁴ GRENZ, 2008, p. 235, 236.

³⁵ **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

REFERÊNCIAS

- ASETT (org.) **Pelos muitos caminhos de Deus**: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiânia: Rede, 2003.
- Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Tradução: Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BRIGHT, J. **História de Israel**. 5.ed. São Paulo: Paulus, 1980.
- DOUGLAS, D. J. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GRENZ, J. Stanley. **Pós-modernismo um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GRENZ, J. Stanley; MILLER, L. (edit.). **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MARTINS, G. Jaziel. O Espírito e a Cosmovisão da Pós-modernidade. **Via Teológica**, Curitiba, n. 6, 2002.
- VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

